



PAULO BARBOSA

23.º ANGRAJAZZ – Parte 1



PEDRO MOREIRA SAX ENSEMBLE



FOTOGRAFIA: BUI CARIA

Pela 20.ª vez consecutiva, a Orquestra Anграjazz abriu mais uma edição do festival que lhe dá nome – a 23.ª. Tem sido bonito assistir ao crescimento e à maturação desta orquestra ao longo dos anos. E, se a apresentação da “Far East Suite” de Duke Ellington tinha constituído um episódio particularmente feliz na história mais recente da orquestra, os clássicos do jazz recolhidos para esta sua apresentação, que incidiram especialmente sobre o hardbop (Benny Golson, Lee Morgan, Sonny Rollins, Bobby Timmons e Dexter Gordon), com “Bye Bye Blackbird” pelo meio e uma eletrificante leitura de Woody N’ You, de Dizzy Gillespie, a fechar, não terão deixado muito a

desejar.

Para além dos próprios maestros Claus Nymark e Pedro Moreira, não havia solistas convidados este ano. Se um par deles pudesse ter contribuído para agitar um pouco mais os procedimentos, a verdade é que o trabalho de arranjo e interpretação daquela série de temas superiores do jazz foi tão bem conseguido que fez desta uma das atuações mais memoráveis da orquestra até então.

A primeira noite seguiu com Joe Dyson, baterista que lidera um quinteto de “meninos prodígios” a cujo apuro técnico é impossível ficar indiferente. São músicos de elevadíssima proficiência – com “chops” para dar e vender –, cuja profunda enculturação,

por contacto direto com vários mestres mais ou menos recentes do jazz, lhes ensinou exatamente o que deve esta música oferecer em palco.

Para além do baterista, um excelente tecnicista dotado de um admirável pertinência musical, impressionaram-me mais particularmente o trompetista Stephen Lands e o contrabaixista Barry Stephenson, mas a doçura do som do saxofonista Stephen Gladney não deixou de encantar e o pianista Oscar Rossignoli sabia bem o que fazia e revelou-se extremamente eficaz no contexto específico deste grupo.

A segunda noite começou em alta com a apresentação do Pedro Moreira Sax Ensemble. A adaptação para oito saxofones, dispostos quase frente a

frente, como se de dois quartetos de saxofones se tratasse, bateria e contrabaixo, da música de uma peça – “Two Maybe More” –, originalmente escrita para oito solistas de coro e ensemble de câmara, é, como o disco havia já provado, um verdadeiro sucesso.

Vários temas do disco tiveram de ficar de fora do concerto, mas Moreira evidenciou um cuidado na escolha de um repertório ao longo do qual foi deixando brilhar em improvisação cada um dos músicos do decateto, incluindo o próprio, o contrabaixista Mário Franco e o baterista Luís Candeias. E a verdade é que, ainda que alguns solistas tivessem brilhado mais do que outros, todos eles provaram ter coisas, e das boas, para nos contar, e bem! ❖



PAULO BARBOSA

23.º ANGRAJAZZ – Parte 2



SAMARA JOY



FOTOGRAFIA: RUI CARIA

Samara Joy provou ser uma verdadeira relíquia do jazz vocal – uma cantora com um timbre de abençoada beleza, um espetro impressionante, uma afinação infalível e um controlo milimétrico do vibrato, por uso do qual (ao contrário de tantas outras cantoras) é capaz de elevar a capacidade expressiva do seu canto até um nível muito difícil de igualar. E o mais impressionante é que, para além de toda a sua proeza técnica, a força emocional da sua voz tem vindo a melhorar a um ritmo impressionante desde a sua aparição há pouco mais de dois anos.

O seu concerto no Anграjazz permitiu que nos sentíssemos perante uma estrela cujo ritmo de ascensão se recusa a dar qualquer sinal de abrandamento. O resultado foi um dos melhores concertos de jazz vocal do Anграjazz de sempre! Tanto no que toca à qualidade musical propriamente dita como em termos de casting – a atuação de Samara Joy na sequência da

do ensemble de Pedro Moreira –, a segunda noite desta edição do Anграjazz foi um verdadeiro sucesso!

Não tão interessante terá sido a atuação dos irmãos Belmondo. Com uma secção rítmica de reconhecível competência, os elos mais fracos do grupo acabaram por ser os próprios manos. O trompetista, para além das incompreensíveis palavras que dirigiu à plateia, pouco se esforçou para surpreender no seu instrumento; o saxofonista esforçou-se mais, mas também não chegou a convencer plenamente. Marc Miralta é, por natureza, um baterista surpreendente, mas, ironicamente, a sua constante tentativa de surpreender neste concerto acabou por roubar grande parte da própria surpresa que tanto se esforçou por nos oferecer. Há que reconhecer, no entanto, que a energia e a constante inquietação da sua abordagem, aliadas à notável robustez do contrabaixista Sylvain Romano, foram os ingredientes que mais contribuíram para afastar alguma mono-

tonia que, de outra forma, poderia ter arruinado este concerto. Los Guachos de Guillermo Klein é um coletivo cujo som parece prender-se com a localização específica de cada músico no palco. As três palhetas – Miguel Zenón, Chris Cheek e Bill McHenry! – constituem uma primeira camada, por vezes com uma série de subcamadas; os metais são a camada seguinte, com a camada rítmica constituída por um baixo, percussão e bateria (o enorme Jeff Ballard), localizada em linha reta na traseira do palco, a funcionar como o motor que sustenta e impulsiona os restantes músicos. E, como se tal não bastasse, emergia de quando em vez uma interessantíssima linha de conversação entre os dois músicos geometricamente mais afastados um do outro: o guitarrista Wolfgang Muthspiel e o pianista-líder. Com várias composições de Klein, mas também de vários outros membros da banda, para além de um tango de Carlos Gardel, o som deste grupo, indutor de uma espécie

de alucinação (poli)rítmica coletiva, resulta numa experiência única, delicada mas musculada, metódica e sólida no arranjo, mas cheia de nuances e contemplando o devido espaço para deixar raiair alguns dos mais incríveis improvisadores do planeta. Uma palavra especial de reconhecimento para o técnico João Rita, que, tendo vindo a crescer a “ouvidos ouvidos” ao longo dos anos, nos presenteou em toda esta edição com uma exemplar qualidade sonora, tendo roçado a perfeição nos concertos de Samara Joy e Guillermo Klein.

Em jeito de balanço, esta foi uma das mais equilibradas e bem conseguidas edições de um festival que já não deixa qualquer dúvida de que merece (e tem tido) todo o carinho do público e todo o possível apoio institucional, seja este governamental ou privado. E é bom que se saiba que este acontecimento maior da vida cultural dos Açores e de Portugal já tem data marcada para os dias 4 a 7 de outubro do próximo ano. ■